

Os Fundamentos Teórico-Práticos da Psicologia Clínica Histórico-Cultural de L. S. Vigotski

The Theoretical and Practical Foundations of L. S. Vygotsky's Historical-Cultural Clinical Psychology

Los Fundamentos Teórico-Prácticos de la Psicología Clínica Histórico-Cultural de L. S. Vygotski

Les Fondements Théoriques et Pratiques de la Psychologie Clinique Historico-Culturelle de L. S. Vygotski

 10.5020/23590777.rs.v25i2.e13122

José da Silva Oliveira Neto  

Graduado em Psicologia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Especialista em Psicologia Clínica Histórico-Cultural pela Faculdade de Quixeramobim (UNIQU). Especialista em Sexualidade Humana pelo Child Behavior Institute (CBI) of Miami. Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Doutorando em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará.

Ana Ignêz Belém Lima Nunes  

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (1989), Mestra em Educação pela Universidade Federal do Ceará (1995) e Doutora em Ciencias de la Educación - Universidad de Santiago de Compostela/Espanha (2004) com pós-doutorado em Educação pela Universidade Federal do RioGrande do Norte (UFRN). Atualmente, é professora adjunta da Universidade Estadual do Ceará das áreas de Psicologia da Educação e Psicologia Clínica, nas quais também é supervisora, lecionando também no Programa de Pós Graduação em Educação da UECE.

Resumo

A psicologia histórico-cultural, desenvolvida por L. S. Vigotski é uma teoria complexa que responde às necessidades clínicas contemporâneas, uma vez que pensa as relações sociais e a formação da personalidade como processualidade histórica. Este estudo é eminentemente qualitativo e é do tipo relato de experiência, no qual se objetivou ilustrar os fundamentos teórico-práticos da psicologia clínica histórico-cultural, a partir do caso de um paciente do Serviço de Psicologia Aplicada (SPA), de uma universidade pública do estado do Ceará, durante um processo de psicoterapia de base histórico-cultural. Todos os procedimentos éticos foram seguidos e, tendo em vista seu caráter qualitativo, foi possível um maior detalhamento do objeto de estudo, dos procedimentos empregados e dos resultados percebidos. A partir do caso estudado e das intervenções realizadas pelo psicólogo, foram percebidas mudanças na dinâmica da personalidade do paciente, bem como em seu modo de vida, como resultado da mediação psicoterápica histórico-cultural. Assim, o presente artigo se insere entre os poucos estudos clínicos na psicologia histórico-cultural, agregando valor à área e estimulando mais produções que relacionem teoria e prática nos estudos vigotskiano-marxistas.

Palavras-chave: psicologia clínica histórico-cultural, relato de experiência, L. S. Vigotski.

Abstract

Developed by L. S. Vygotsky, historical-cultural psychology is a complex theoretical framework that addresses contemporary clinical needs by conceptualizing social relations and personality formation as historically mediated processes. This study is qualitative in nature and adopts an experience report design. Its objective was to illustrate the theoretical and practical foundations of historical-cultural clinical psychology through the case of a patient treated at the Applied Psychology Service of a public university in the state of Ceará, Brazil, during a course of historical-cultural-based psychotherapy. All ethical procedures were observed. Given its qualitative approach, the study allowed for detailed description of the object of investigation, the procedures employed, and the outcomes observed. Based on

the analyzed case and the psychologist's interventions, changes were identified in the patient's personality dynamics as well as in their way of life, understood as results of historical-cultural psychotherapeutic mediation. Thus, this article contributes to the limited body of clinical studies within historical-cultural psychology, adding value to the field and encouraging further research that integrates theory and practice within Vygotskian-Marxist perspectives.

Keywords: *historical-cultural clinical psychology, experience report, L. S. Vygotsky.*

Resumen

La Psicología Histórico-Cultural, desarrollada por L. S. Vigotski, constituye una teoría compleja que responde a las necesidades clínicas contemporáneas, en la medida en que concibe las relaciones sociales y la formación de la personalidad como una procesualidad histórica. Este estudio, eminentemente cualitativo, se presenta como un relato de experiencia cuyo objetivo fue ilustrar los fundamentos teórico-prácticos de la Psicología Clínica Histórico-Cultural, a partir del caso de un paciente del Servicio de Psicología Aplicada (SPA) de una universidad pública del estado de Ceará, durante un proceso de psicoterapia de base histórico-cultural. Se siguieron todos los procedimientos éticos y, dado su carácter cualitativo, fue posible un mayor nivel de detalle respecto al objeto de estudio, los procedimientos empleados y los resultados observados. A partir del caso analizado y de las intervenciones realizadas por el psicólogo, se identificaron cambios en la dinámica de la personalidad del paciente, así como en su modo de vida, como resultado de la mediación psicoterapéutica histórico-cultural. De este modo, el presente artículo se inscribe entre los escasos estudios clínicos en Psicología Histórico-Cultural, aportando valor al área y fomentando nuevas producciones que articulen teoría y práctica en los estudios vigotskiano-marxistas.

Palabras clave: *psicología clínica histórico-cultural, relato de experiencia, L. S. Vigotski.*

Resume

La psychologie historico-culturelle, développée par L. S. Vygotski, est une théorie complexe qui répond aux besoins cliniques contemporains, car elle considère les relations sociales et la formation de la personnalité comme une processualité historique. Cette étude est éminemment qualitative et est de type récit d'expérience, visant à illustrer les fondements théorico-pratiques de la psychologie clinique historico-culturelle, à partir du cas d'un patient du Service de Psychologie Appliquée (SPA), d'une université publique de l'État du Ceará, au cours d'un processus de psychothérapie d'orientation historico-culturelle. Toutes les procédures éthiques ont été respectées et, en raison de son caractère qualitatif, il a été possible de détailler davantage l'objet d'étude, les procédures employées et les résultats perçus. À partir du cas étudié et des interventions réalisées par le psychologue, des changements ont été perçus dans la dynamique de la personnalité du patient, ainsi que dans son mode de vie, résultant de la médiation psychothérapeutique historico-culturelle. Ainsi, cet article fait partie des rares études cliniques en psychologie historico-culturelle, enrichissant le domaine et stimulant davantage de productions qui relient la théorie et la pratique dans les études vygotkiennes-marxistes.

Mots-clés : *psychologie clinique historico-culturelle, rapport d'expérience, L. S. Vygotski.*

A contemporaneidade impõe novos horizontes e novos desafios para a constituição das relações sociais e, por conseguinte, para a construção da personalidade humana (Silva, 2009). Mészáros (2011) aponta que, tendo em vista a complexificação do capital em novas formas, as relações sociais têm se tornado mais alienantes, contribuindo para a produção de processos de adoecimento no ser humano. Para Silva (2009), pensar em novas condições de formação da personalidade é pensar em um novo indivíduo na contemporaneidade, na qual noções como intersubjetividade, cultura e historicidade devem ser repensadas.

Diante dos desafios contemporâneos relacionados à formação da personalidade humana, discutem-se neste texto os fundamentos teórico-práticos da psicologia clínica histórico-cultural – uma clínica que, devido às suas bases epistemológicas e metodológicas, dá conta criticamente dos ecos da contemporaneidade na produção da personalidade humana. Amparados também no conceito de personalidade, desenvolvido por Vigotski e outros autores – conceito este que explicaremos nas próximas sessões –, avançamos rumo à compreensão do desenvolvimento da subjetividade em uma perspectiva vigotskiana, dialogando especificamente com o campo da clínica.

Lima et al. (2021) defendem que a psicologia histórico-cultural é um sistema complexo e completo em psicologia, o que significa que, dentro dessa perspectiva psicológica, encontramos os conceitos e as estratégias necessárias para construir uma atuação clínica histórico-cultural. Apesar de a psicologia histórico-cultural ter sido silenciada e não devidamente estudada no Brasil, por muito tempo se acreditou que Vigotski não tinha contribuições específicas para a clínica psicológica, ficando este campo relegado aos pensamentos abstracionistas e mecanicistas das psicologias burguesas.

Vigotski, que também era um clínico, desenvolveu estudos sobre pedologia clínica e defectologia, nos quais pesquisava o desenvolvimento de crianças com problemas de desenvolvimento (Vigotski, 1997). Ademais, cabe destacar que Vigotski se dedicou ao estudo de outras temáticas do campo clínico, tais quais a esquizofrenia, a afasia e a histeria (Silva & Tuleski, 2015). Nesse sentido, defende-se aqui a psicologia histórico-cultural como sistema teórico em psicologia que possui aplicação clínica, sendo seu objetivo central a promoção de consciência em seu sentido mais amplo e vigotskiano e, por consequência, da reestruturação da personalidade. Deve-se lembrar de que Vigotski (2006) definiu sua teoria como uma teoria que se preocupa com os processos da consciência, que é aquilo que diferencia o humano das demais espécies.

Alguns estudos já têm proposto uma compreensão clínica histórico-cultural, sendo ainda necessário que novos estudos clínicos sejam desenvolvidos a partir de uma correta relação entre os aspectos teórico-práticos (práxis) da abordagem. Urge que estudos atuais mostrem como transcorre um processo psicoterápico vigotskiano, apontando intervenções e manejo clínicos associados ao complexo teórico-metodológico (Aita & Facci, 2022; Clarindo, 2020; Lima, 2019; Lima & Oliveira, 2023, 2025; Marangoni, 2007; Silva, 2023).

Para que se compreendam os fundamentos teórico-práticos da psicologia clínica histórico-cultural em sua relação com os processos de formação da personalidade humana na contemporaneidade, escolheu-se para este estudo um desenho de relato de experiência, este referente ao acompanhamento psicoterápico de um paciente de clínica-escola de uma universidade pública do Ceará. Nesse fluxo, visando melhor sistemática, o texto foi organizado em três momentos: a) Enlaces históricos sobre a psicologia clínica histórico-cultural; b) Fundamentos teóricos da psicologia clínica histórico-cultural; e c) Relato de experiência: os fundamentos práticos da psicologia clínica histórico-cultural. Também se explica, na seção a seguir, os caminhos metodológicos adotados, os procedimentos e os aspectos éticos que envolveram o desenvolvimento da experiência clínica mencionada.

Método

O presente estudo se insere dentro do espectro das pesquisas qualitativas em psicologia, de maneira que verte seu olhar sobre o processo de psicoterapia em si e sobre os detalhamentos dos recursos utilizados e dos resultados obtidos, tendo sido o relato de experiência o caminho específico que se optou. Ele possibilita o registro das experiências e das percepções do pesquisador sobre o objeto de estudo, neste caso, um processo de psicoterapia de base histórico-cultural, realizado em uma universidade pública cearense, que envolve a relação terapêutica, os procedimentos de intervenção adotados e a avaliação de desenvolvimento do paciente (Casarin & Porto, 2021).

O relato de experiência se deu através da investigação de um paciente de psicoterapia acompanhado ao longo de um ano no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) de uma universidade pública do estado do Ceará sob o formato de uma disciplina de estágio clínico. As análises feitas neste estudo foram documentais, tendo como fonte para análise do objeto os relatórios, as sínteses dos atendimentos, as fichas de triagem do paciente, bem como outros documentos referentes ao registro do paciente junto ao SPA da instituição.

No tocante ao caso clínico, trata-se de um sujeito do sexo masculino, de 23 anos de idade, autodeclarado negro e homossexual. O paciente foi atendido ao longo de um ano, totalizando 26 sessões de psicoterapia, com aproximadamente 50 minutos de duração cada. Por razões éticas e de sigilo, o paciente será identificado neste estudo pelo pseudônimo C. O. Ressalta-se que o paciente foi assíduo e demonstrou alto nível de comprometimento com o processo de psicoterapia. Todas as intervenções e condutas se deram respeitando a saúde e integridade do paciente, conforme prescreve a *Resolução nº 466* (2012) do Conselho Nacional de Saúde. Conforme a *Resolução nº 510* (2016), as informações clínicas, previamente autorizadas para uso por paciente, podem se configurar como material de pesquisa-estudo. No caso aqui explicitado, o documento foi assinado e devidamente autorizado nas tratativas para o atendimento em psicoterapia no SPA.

Enlaces Históricos sobre a Psicologia Clínica Histórico-Cultural

A psicologia histórico-cultural é uma corrente de pensamento psicológico cunhada na Rússia soviética por L. S. Vigotski e colaboradores como A. R. Luria e A. N. Leontiev. Esse grupo de trabalho, liderado por Vigotski e conhecido como *Troika*, teve grande influência teórica. De maneira que todos que se associavam a ele assumiam a liderança teórica de Vigotski, aplicando suas compreensões e os seus postulados em suas próprias pesquisas (Martins et al., 2016). Essa psicologia surge da insatisfação de Vigotski com os modelos teóricos hegemônicos da sua época, os quais ora se direcionaram a compreensões mecanicistas e abstratas, aqui entendidas como psicologias burguesas. Vigotski desenvolve sua teoria especificamente sobre esse tema em “O significado histórico da crise da psicologia: uma investigação metodológica” (Vigotski, 2004).

Nesse cenário, a psicologia de Vigotski aparece como resposta às necessidades que se colocavam com o estabelecimento do estado soviético unificado, a saber: a construção de um modelo de sociedade não capitalista, exigindo, portanto, bases teóricas que pensassem o homem e os processos psíquicos a partir de referências convergentes com esse novo modelo (Tuleski, 2008). Assim, Vigotski construiu um sistema teórico em psicologia complexo e completo, não podendo ser subsumido por uma única área de aplicação da psicologia, como o que acontece ao associar a psicologia histórico-cultural apenas ao campo da educação.

Note-se que Vigotski conduzia atividades de intervenção clínica ao modelo de sua época, as quais tinham como enfoque as problemáticas da pedologia e da psicopatologia clínica, como pode ser observado em alguns de seus estudos (Vigotski, 1997, 2008a). Contudo, em consonância com o apontado por Tuleski (2008), os estudos da psicologia histórico-cultural, sobretudo os de Vigotski, ao entrarem no Ocidente, encontraram certas barreiras, como a resistência aos seus textos. Tal resistência ocorria porque Vigotski era acusado de comunismo. Durante as décadas de 1960 e 1970, a América Latina vivia sob regimes ditatoriais que se opunham às ideias políticas veiculava por sua psicologia. Além disso, traduções de suas obras frequentemente eliminavam referências ao marxismo, desfigurando seus escritos e seus textos originais.

Dessa forma, as traduções mais próximas dos textos originais russos, bem como obras em outras línguas, sobretudo aquelas nas quais a prática da Clínica Histórico-Cultural é apresentada, só chegaram ao Brasil recentemente. A partir delas, foi possível a apropriação de temas centrais para a prática da Clínica Histórico-Cultural na contemporaneidade, como: a clínica pedológica, a neuropsicologia, a investigação dos transtornos psiquiátricos e outros temas relevantes à clínica (Lima & Oliveira, 2023). Nota-se também que, nos últimos dez anos, assistiu-se tanto ao crescimento da organização de grupos de pesquisa em todo o Brasil quanto dos temas mais clínicos da psicologia de Vigotski, com atenção para as atividades desenvolvidas por grupos de pesquisa cearenses, como o Laboratório de Estudos da Subjetividade e Saúde Mental (LADES). Nessa linha, é válido expor que recentemente houve a publicação dos cadernos de notas de Vigotski (2022), um compilado de anotações do estudioso que ratifica a existência da práxis Clínica Histórico-Cultural, que avance na descrição, na interpretação e na explicação dos desafios psicológicos que passam os indivíduos na contemporaneidade.

Fundamentos Teóricos da Psicologia Clínica Histórico-Cultural

Pensar a Psicologia Clínica Histórico-Cultural é um desafio, seja por conta da complexidade da teoria desenvolvida por Vigotski, com conceitos interdependentes e entrelaçados, seja por conta de, diferentemente de outras abordagens, sua clínica não ser comunicada de forma sistemática. Apesar disso, há avanços na área que definem a Clínica Histórico-Cultural como uma terapêutica do desenvolvimento, da transformação e da produção de autonomia. Isso ocorre a partir da construção de projetos terapêuticos singulares contextualizados à dinâmica de vida do paciente, à sua situação social de desenvolvimento e aos elementos psicossociais que são base para seu desenvolvimento psíquico (Lima & Oliveira, 2025).

Existem conceitos que devem nortear o olhar do psicólogo em sua atuação histórico-cultural e, definitivamente, o primeiro deles é a mediação. Para se compreender esse conceito, deve-se lembrar que Vigotski elaborou uma teoria social sobre a gênese da personalidade humana e sua conduta. Sobre a gênese e o desenvolvimento dos processos psicológicos, Vigotski e Luria (1996) esclarecem que o psiquismo se desenvolve a partir de estágios iniciais eminentemente coordenados pelas leis biológicas, mas que, à medida que imergimos na cultura, cedem lugar, por incorporação, a formas culturais, complexas e especificamente humanas de funcionamento psíquico.

A mediação deve ser compreendida como a interposição de um elo intermediário na relação do ser humano com o mundo. Como se viu, a conduta humana era determinada por aquilo que estava prevista na sua história como espécie, mas que, com o advento da cultura e da linguagem, o ser humano passa a simbolizar o mundo e a ter consciência de suas relações (Vigotski, 2008b). Essa é uma ideia fundamental para a Clínica Histórico-Cultural, pois a relação terapêutica é consequência direta do espaço simbólico compartilhado pelo ser humano, à medida que seu desenvolvimento foi cruzado e modificado qualitativamente pela cultura.

Nessa medida, em uma relação mediada com o mundo, construímos representações mentais da realidade, o que envolve os elementos mediadores a que temos acesso, relações interpessoais e cenário de vida. Entretanto, aquilo que o indivíduo produz em sua relação com o mundo só é possível a partir de processos mentais específicos chamados por Vigotski (1994) de funções psicológicas superiores – outro conceito fundamental para se pensar a prática clínica na perspectiva histórico-cultural. Como informado, de acordo com o autor, os processos psicológicos são a base para o estabelecimento da representação mental e podendo ser: inferiores, de ordem mais biológica ou superiores, de ordem mais cultural. São muitos os processos psicológicos que compõem o psiquismo humano, como pensamento, linguagem, percepção, atenção, memória, formação de conceitos, imaginação, emoções e criatividade.

Trata-se de um conceito importante, pois os processos de adoecimento psíquico, na perspectiva Clínica Histórico-Cultural, serão analisados a partir das alterações presentes nas funções psicológicas superiores. Assim, o papel do psicólogo clínico histórico-cultural é o de produzir intervenções que mobilizem certos processos, a fim de que as funções mentais sejam habilitadas, funcionem de forma interfuncional e auxiliem em uma relação mais consciente e autônoma quanto aos enfrentamentos ao longo do desenvolvimento psíquico.

Avançando na perspectiva de entender como os conceitos da psicologia histórico-cultural se articulam na prática clínica, para Vigotski (1994), a constituição da personalidade se dá em um movimento dialético interno-externo, de modo que tudo que faz parte da vida subjetiva já fez parte das relações sociais. Em outros termos, primeiro o psiquismo é interpsicológico, para depois se tornar intrapsicológico. A esse processo de apropriação e transformação dos elementos mediadores presentes na realidade concreta e simbólica Vigotski dá o nome de internalização.

Em uma mirada histórico-cultural, o conceito de internalização nos mostra como todos os processos de aprendizagem dos nossos pacientes se dão, a saber, de modo psicossocial. Assim, nessa abordagem da clínica, por exemplo, os processos de adoecimento têm uma etiologia muito clara, de origem social e eminentemente imbricada nas leis sócio-históricas a partir das quais o ser humano se desenvolve. A internalização fortalece a perspectiva de que, na psicologia histórico-cultural, deve-se olhar para a conduta humana saudável e adoecida como sua própria história, o que faz com que haja necessidade de investigação das raízes do comportamento, da conduta e da atividade humana (Vigotski, 2008b).

Nesse fluxo de compreensão, o desenvolvimento psíquico do indivíduo histórico-cultural deve ser estudado como algo em movimento, afinal o ser humano se depara constantemente, em sua relação com a realidade, com novos elementos mediadores, dos quais se apropria, operando internalizações e conversões cada vez mais complexas, o que produz também sua personalidade. Nessa perspectiva de trabalho, a personalidade deve ser entendida como os contornos, mais ou menos fixos, que cada indivíduo produz em suas vivências e que vão diferenciá-lo de outros indivíduos com quem convive, mesmo aqueles cujas experiências são vivenciadas em uma mesma situação social de desenvolvimento.

Vigotski (2010) desenvolve o tema e explica que a personalidade é produzida em uma relação ativa e dialética do ser humano com a realidade material, o que significa que o ser humano muda o mundo, e o mundo transforma o ser humano, em um movimento que não se esgota. Assim, a personalidade, na psicologia histórico-cultural, não é uma instância que alcance a maturidade em certo período do desenvolvimento, mas sim um processo que não se acaba, pois está em constante movimento. Entretanto, como bem explica Leontiev (1978), a personalidade é “a ponta do *iceberg*”; na sua base, há outros processos cuja compreensão é de fundamental importância para a Clínica Histórico-Cultural, dentre eles o conceito de atividade.

A Psicologia Clínica Histórico-Cultural é uma abordagem psicológica eminentemente marxista, derivando do materialismo histórico e dialético os seus métodos de investigação e de trabalho, assim, ela pressupõe que o ser humano é ativo e que sua relação com o mundo é constituída pela cultura, de modo que essa relação ativa e dialética se dá mediante o exercício da sua atividade. De acordo com Leontiev (2021), a atividade é o exercício de mudança e transformação que um dado indivíduo realiza sobre sua situação social de desenvolvimento, compondo sua conduta e seu comportamento. É durante a atividade que produzimos sentidos sobre o mundo e construímos a nossa personalidade.

Conforme o autor, a atividade se sustenta sobre uma base dinâmico-causal de necessidades e motivos, os quais impulsionam o indivíduo em busca de satisfazê-las através de objetos, que podem ser os mais variados, desde aqueles concretos (como comida) até aqueles mais subjetivos (um emprego ou um casamento). A teia conceitual que envolve personalidade e atividade é de grande importância para a Clínica Histórico-Cultural, pois ela é o modelo histórico-cultural de compreensão da conduta e do comportamento do ser humano. Assim, a partir desses conceitos, o psicoterapeuta histórico-cultural irá pensar de que forma pode ampliar e tornar mais saudável os processos que estão na base da produção da personalidade.

Cabe destacar que, apesar de a Psicologia Clínica Histórico-Cultural encontrar fundamentação desde os precursores dessa teoria, tem havido importantes avanços por parte de autores e grupos de pesquisa contemporâneos, os quais têm dado atenção a tópicos diversos da psicologia histórico-cultural na Clínica, como: processos de formação de consciência, práxis clínica, constituição do sujeito, método clínico, demandas clínicas ligadas à sexualidade e raça, dentre outros pontos que têm tornado a Clínica Histórico-Cultural mais robusta e qualificada academicamente (Aita & Facci, 2022; Clarindo, 2020; Kahhale & Montreozol, 2019; Lima, 2019; Lima & Oliveira, 2023; Marangoni, 2007; Oliveira et al., 2022; Oliveira & Lima, 2024a, 2024b; Silva, 2023).

Encaminhando-se para o encerramento do diálogo sobre como os conceitos da psicologia histórico-cultural se expressam na prática clínica, é importante apontar que, em alguns momentos do desenvolvimento humano, é possível que o indivíduo não consiga lidar com os conflitos, não produzindo novos sentidos e significados em sua relação com o meio e não sendo capaz de transitar pelas muitas contradições resultantes das relações no capitalismo. Nessas situações, tendo em vista uma inversão na hierarquia de necessidades que sustenta a atividade, produz-se um processo de desregulação psíquica em que as funções psicológicas superiores não funcionam de forma integrada, apresentando-se com menor nível de habilitação e funcionamento, por vezes, podendo, além de se enrijecerem, desintegrarem-se (Silva, 2021; Zeigarnik, 1979).

Nesse olhar, os processos de adoecimento devem ser estudados e vistos como resultados do desenvolvimento ontogenético do indivíduo, o que significa que a atividade adoecida, assim como qualquer outro processo de aprendizagem, também tem uma história, cuja gênese social deve ser investigada ao longo da caminhada terapêutica histórico-cultural. Vigotski (2008b) explica que as alterações e os distúrbios psíquicos devem ser analisados à luz do desenvolvimento humano, o qual sintetiza aspectos filogenéticos, ontogenéticos e sociogenéticos. Somente assim, o psicólogo clínico histórico-cultural conseguirá estruturar intervenções eficazes para a superação do sofrimento psíquico apresentado pelo paciente. Nesse esteio de reflexão, Lima e Oliveira (2023) lembram que a singularidade se expressa a partir da internalização da materialidade na qual está inserido o ser humano. Desse modo, compreende-se que a marca da personalidade saudável é a habilidade de a pessoa ser flexível, transitar da concretude para o mundo das emoções, ser capaz de reconceitualizar as situações vividas e buscar novos motivos para sua atividade no mundo, enfrentando o adoecimento.

A psicologia clínica histórico-cultural não só tem seus próprios conceitos, como também é um sistema psicológico por si só, com aplicabilidade para o campo da clínica, assim como para as demais áreas do fazer psi. Entretanto, inclusive em

conformidade com seus princípios marxistas, a psicologia histórico-cultural não pode ser composta apenas por elocubrações teóricas, antes deve ser feita através de uma harmoniosa relação entre teoria e prática. Dessa forma, amparando-se a partir de agora nas experiências de um atendimento clínico, passa-se à compreensão dos fundamentos práticos da psicologia clínica de Vigotski.

Relato de Experiência: Os Fundamentos Práticos da Psicologia Clínica Histórico-Cultural

O processo psicoterápico aqui apresentado, conforme já descrito, deu-se no espaço físico do Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) de uma universidade pública do estado do Ceará. Considerando-se as diretrizes relacionadas às pesquisas com seres humanos, foram selecionadas algumas sessões conduzidas ao longo do ano em que transcorreu a psicoterapia histórico-cultural. Em um primeiro momento, serão apresentados os aspectos gerais da demanda clínica de C. Em seguida, serão sinalizadas, à luz da psicologia histórico-cultural, o raciocínio clínico e as intervenções realizadas ao longo da caminhada terapêutica histórico-cultural e de que modo foram observadas as mudanças na configuração de sua personalidade.

A Caracterização da Demanda

C. é um paciente do gênero masculino, de 23 anos de idade, autodeclarado negro e heterossexual, estudante do curso de Geografia de uma universidade pública cearense. Ele procurou o SPA para psicoterapia individual, descrevendo como queixa inicial dores na região dorsal relacionadas a momentos de intenso conflito. Apresentou também demanda articulada a autoconceito e à autoestima, o que comprometia suas relações interpessoais amorosas e de trabalho. Relatou também problemas com seu núcleo familiar, tendo em vista tensionamentos com seus irmãos e irmãs por ele ser filho adotivo.

Nessa aproximação inicial, ratifica-se a compreensão de que o indivíduo na psicoterapia histórico-cultural é um ser concreto, ou seja, que se constitui nos fluxos e nos influxos históricos, os quais, de acordo com Oliveira et al. (2022), são marcados por processos psicossociais de violação que interferem na construção da personalidade do paciente. No caso de C., aponta-se como inevitável que se entenda que as implicações do racismo e do heterocispatriarcado constituíram sua personalidade e sua conduta, contribuindo para uma expressão psíquica adoecida na relação consigo e com seus pares.

Na clínica histórico-cultural, o processo de compreensão da demanda trazida se caracteriza por ir além do fenômeno em uma atitude de investigação e explicação da base dinâmica causal (Vigotski, 2004). Nesse sentido, é comum que, no início da caminhada terapêutica histórico-cultural, invista-se em estratégias que ponham em perspectiva a história de desenvolvimento do paciente, a fim de que observemos seus processos de saúde e de doença como processo de aprendizagem. No caso de C., utilizou-se o instrumento Dinâmica do Tempo, que consiste em uma tarefa proposta pelo psicoterapeuta histórico-cultural, na qual o paciente registrar, por escrito, eventos significativos de sua vida, tanto aqueles com valor emocional positivo quanto os de valor emocional negativo (Oliveira & Bandeira, 2019).

A intervenção revelou pontos importantes da dinâmica psíquica de C. no que se refere aos aspectos saudáveis e adoecidos de sua atividade. É importante lembrar que a Clínica Histórico-Cultural não é uma terapêutica com foco na doença, mas sim um processo voltado à promoção de consciência, com fins de fortalecimento de processos de transformação, desenvolvimento e autonomia (Lima & Oliveira, 2023). Assim, nas suas ações de mediação, o psicólogo clínico histórico-cultural deverá estar atento à dialética saúde-doença, buscando pelo que não está habilitado, mas também por aquilo que está preservado, pois é a partir dos comportamentos fossilizados saudáveis que serão promovidas novas generalizações de saúde.

No caso de C., observou-se a preservação de algumas funções mentais superiores como a linguagem e a percepção, assim o paciente era capaz de, com certa clareza, operar sínteses, comparações e fazer reflexões sobre sua relação com o mundo (Vigotski, 1996b). Na Dinâmica do Tempo, C. se narra em um fluxo mais ou menos contínuo, começando pela infância, passando pela adolescência, chegando à vida adulta e, por fim, retornando à adolescência. Nesse caminho de reflexão, Vigotski (1999a) considera que a ontogênese humana é semelhante a um drama, constituída em um cenário, com vários personagens e marcada por elementos emocionais e cognitivos, os quais se articulam formando um todo único. O psicoterapeuta histórico-cultural, ao lançar mão de estratégias como a Dinâmica do Tempo, deverá estar atento a como cada um desses elementos se articula para produzir a história de desenvolvimento do paciente.

C. relatou que, já na infância, foi submetido a cobranças e a exigências intensas por parte de sua família, apesar de nunca ter tido notas baixas na escola. Também deu destaque ao fato de ter passado por episódios de *bullying* devido à sua aparência e expressão de gênero, o que afetou negativamente a maneira como se percebia/percebe. Na adolescência, essa sensação de desagrado se aprofundou tendo em vista problema com acne, o que contribuiu para seu isolamento em relação a grupos. Diante da necessidade de reorganização que a vida adulta lhe trouxe, sobretudo quanto à universidade e à vida laboral, o paciente identificou melhorias na sua capacidade de comunicação e trabalho em grupo.

Em uma mirada histórico-cultural, Oliveira et al. (2022) discutem que existe uma expectativa de que homens se comportem de forma masculina no trato social, de modo que são ensinados desde a mais tenra infância que devem ser viris em seu comportamento social de gênero. Quando isso não acontece, abre-se, ancorado na autorização social, um

precedente para práticas de violência contra aquele que não corresponde às expectativas baseadas no heterocispatriarcado, o que costuma trazer consequências psicológicas negativas para a constituição subjetiva de quem sofre essa violência.

Como resultado das cobranças oriundas do heterocispatriarcado e dos padrões estéticos sobre a construção de sua personalidade, C. destacou o aparecimento de sensações identificadas por ele como ansiedade, o que geralmente se manifesta em comportamentos como roer as unhas até sangrar e arrancar fios de cabelo. Nas sessões seguintes, como estratégia para regulação do paciente em situações de estresse intenso, adotou-se o Caderno da Psicoterapia. Através dele, era comum pedir para que, durante e após os momentos de desregulação emocional, o paciente escrevesse como se sentiu, nomeando as emoções e identificando os contextos e as relações promotores de estresse e ansiedade. Há evidências e discussões na psicologia histórico-cultural que apontam que pessoas negras, como C., em sua relação com o racismo, são menos oportunizadas de acessar mediadores de qualidade em seu desenvolvimento, o que necessariamente impacta em sua capacidade de regulação das emoções quando comparadas aos seus pares brancos (Cruz, 2024; Oliveira & Lima, 2024a; Silva, 2019). É nesse sentido que se justifica a construção do raciocínio clínico neste caso, pois se trata de um paciente constituído por muitos vetores psicossociais e estruturais de violência.

A Relação com o Meio

Vigotski (1994) esclarece que é na relação com o meio que a dinâmica das necessidades e dos motivos ganha contornos eminentemente diferentes, uma vez que se coloca na dinâmica psíquica do indivíduo a necessidade de reorganização e reestruturação da atividade. Como pode ser percebido, a queixa inicial do paciente se mostrou bastante relacionada aos recursos criados por ele para lidar com os elementos estressores e possíveis desorganizadores encontrados na relação com o meio.

Conforme já mencionado, C. é filho adotivo. Em seu núcleo familiar, tal fator gera tensões em sua relação com seus irmãos, todos mais velhos, pois eles lhe atribuem a maior parte das responsabilidades para com seus pais já idosos. De acordo com Schucman (2010), a lógica do racismo e da violência racial se operacionaliza em todo o tecido social, o que inclui as práticas institucionalizadas que nele se operam, tais como a adoção. Como confirmação dessa compreensão, lembrando-lhe do seu lugar de adotivo, os irmãos e irmãs delegam os cuidados da mãe, com quadro de Alzheimer. Nesse aspecto, ele relata emoções contraditórias em sua vivência, pois ao mesmo tempo em que sente o dever de cuidar dos pais, não acha justo tomar conta da maior parte dessas responsabilidades. Nesse sentido, amparada em Vigotski, Toassa (2009) descreve que as emoções são desenvolvidas também de forma concreta, o que significa que, a depender da situação social de desenvolvimento em que uma dada pessoa está inserida, suas emoções também se modificarão. No caso de C., as contradições entre “amar os pais” e “ser obrigado a desempenhar certos papéis familiares” produziam desconforto e sofrimento psíquico.

Com o objetivo de investigar a maneira como os afetos e as emoções estavam interferindo na vida psíquica do paciente, conduziu-se junto a ele uma atividade chamada Cenário de Vida, também de orientação histórico-cultural. Trata-se de um recurso que objetiva perceber como se configura a relação do paciente com o meio, identificando as redes de relação e de conexão entre o indivíduo e os elementos trazidos por ele e/ou entre os próprios elementos presentes em seu Cenário de Vida (Oliveira & Bandeira, 2019). Na ocasião da atividade, C. demonstrou sua capacidade de reflexão sobre como se sentia em relação a seus familiares, reconhecendo a necessidade de serem repensados os limites entre si e o outro, definindo novas fronteiras em sua relação com seus pares.

As atividades de mediação na Clínica Histórico-Cultural têm um papel importante na atuação para promoção e fortalecimento das zonas de desenvolvimento e aprendizagem do indivíduo. Na perspectiva vigotskiana, elas são entendidas como instrumentos e signos que atuam no sentido de mobilizar aspectos enrijecidos e não conscientes do psiquismo, desde funções psicológicas menos habilitadas até a relação entre a cognição e o afeto na produção da consciência. Com isso, pode-se afirmar que o psicólogo clínico histórico-cultural tem o papel de organizar mediações que promovam saúde, isto é, que tornem o paciente capaz de produzir novos sentidos, alterando sua atividade e produção da personalidade.

Mudanças nas Configurações da Personalidade

Com o decorrer da psicoterapia histórico-cultural, novos arranjos de personalidade começaram a tomar forma. Avanços foram percebidos, sobretudo no que se refere ao nível de consciência e de reflexão do paciente sobre si, construindo novas maneiras de se narrar e de se colocar na relação com o outro. Também houve mudanças significativas no que diz respeito ao estabelecimento de limites e demarcações na sua relação com os outros, tanto no âmbito universitário quanto em seu núcleo familiar. Deve-se lembrar que a interpessoalidade, alinhada aos aspectos sociogenéticos, é uma das principais fontes do processo de desenvolvimento (Vigotski, 1996). Assim, pacientes como C., cujas vivências são marcadas pelo olhar despotencializador do outro, tendem a se desenvolver de forma a não se agradarem de si mesmos, além de, em linhas gerais, acreditarem não merecer afeto ou respeito.

Inicialmente, a atuação se deu sobre os sintomas mais urgentes manifestados por C., uma vez que se entende, na perspectiva histórico-cultural, a necessidade de algumas condições básicas de organização e sistematização da vida psíquica para que o paciente consiga avançar rumo à resolução de demandas mais complexas (Oliveira, 2023). No caso acompanhado, a avaliação é de que foram necessárias por volta de 11 sessões, aproximadamente três meses de psicoterapia, para que a síndrome sintomática de C. se enfraquecesse. É importante apontar que, além de termos com o uso de instrumentos histórico-culturais, como Dinâmica do Tempo e Cenário de Vida, também foram necessárias outras intervenções que auxiliassem na regulação mais imediata de crises, como técnicas de respiração e neurofeedback, auxílio na reconstrução de uma rotina em que o paciente conseguisse fazer atividade física, além de instruções sobre organização de tempo com foco em um melhor aproveitamento de suas atividades laborais e acadêmicas.

A partir das novas construções, e com o vínculo entre psicoterapeuta histórico-cultural e paciente mais fortalecido, outros aspectos foram sendo descortinados. Por exemplo, C. trouxe a relação que mantinha com sua namorada. Havia, conforme relatado por ele, duas problemáticas centrais nessa relação: a) dificuldade em permanecer com alguém que demonstrava baixa volição para construir uma vida profissional e pessoal próprias, de maneira que C. se negava a “namorar consigo mesmo do passado” (sic); e b) dificuldade para manter relações sexuais com sua namorada, marcada por sentimentos de vergonha em relação ao próprio corpo durante a atividade sexual.

Com relação ao sofrimento do paciente, é importante lembrar que qualquer demanda clínica deve ser vista de forma psicossocial, isto é, a sua origem deve ser remetida ao campo das relações sociais, micro ou macro. Lima, Anauate e Oliveira (2021) lembram que a construção da personalidade em Vigotski é um processo que se dá na dialética de forma externa e interna, isto é, na relação que o ser humano estabelece singularmente com a história das relações sociais que desempenha e nas quais está inserido. Assim, nesse fluxo de compreensão, é falho não compreender os processos de personalidade de C. desarticulados das pressões e dos impactos psicossociais que vivencia seja como homem, pessoa preta ou ainda como alguém com uma performance de gênero não correspondente ao heterocispatriarcado.

Quanto à primeira questão, C. relatou que, durante sua adolescência, era alguém bastante introspectivo e isolado, o que empobrecia a qualidade das suas relações pessoais. Para ele, tal tendência ao isolamento se devia a uma baixa autoestima e a um conceito empobrecido de si. Em meio a tensões e cobranças em sua vida escolar, ele tinha baixa volição para atuar nas suas relações sociais, preferindo arranjos de vida em que não precisava estar com o outro, deixando o contato para momentos estritamente necessários. Fazendo uma avaliação dos prejuízos tidos durante esse período de sua vida, o paciente compara a situação atual de sua namorada à sua situação passada.

Quanto à segunda questão, C. relatou que, no decorrer de quase um ano de relacionamento, houve tentativas de estabelecer relações sexuais com sua namorada; todas elas, contudo, fracassadas, tendo em vista sensações e emoções descritas por ele como medo e nervosismo. O paciente relatou ter interesse em manter relações sexuais com sua namorada, porém afirmava um interesse bem maior por parte dela, cobrando-lhe que acontecesse. Nesse cenário, C. apontou como um fator agravador de sua intimidade sexual com a namorada o fato de não terem um espaço privado para tal.

Tendo em vista, nesse momento da caminhada terapêutica, que desafios ligados à sexualidade estavam encabeçando dificuldades importantes na dinâmica de vida de C., propôs novamente a atividade Dinâmica do Tempo, só que, dessa vez, com foco em explorar as vivências de desenvolvimento sexual. O paciente apresentou bastante resistência no início, mas concordou em realizar a atividade caso tivesse suporte para fazê-lo, o que foi ofertado a C. Durante a atividade de mediação, o paciente acabou por revelar novos elementos sobre os quais se interviria nas próximas sessões, a saber: uma vivência de abuso sexual e experiências homossexuais durante a adolescência.

É notório que o processo de construção da personalidade de C. era marcado por uma desconexão entre elementos cognitivos e aspectos emocionais, dificuldade esta que precisou ser compensada através de recursos de mediação com foco em reorganizar as funções psicológicas superiores, levantar mais informações sobre a dinâmica de sua atividade, além de lhe fornecer instrumentos para autorregulação em momentos mais agudos de crise. Como indica Vigotski (2008b), na psicologia histórico-cultural, deve-se buscar uma relação harmoniosa entre cognição e afeto, pois se tratam de elementos que compõem uma unidade, interdependentes para que seu desempenho e funcionamento sejam ótimos.

Intervenção na Zona de Desenvolvimento Sexual

Como já se viu, L. S. Vigotski desenvolveu um sistema psicológico que propõe uma nova forma de compreensão do psiquismo humano, articulando-o à análise histórica de formação dos processos mentais. Entre os diversos temas abordados em sua teoria, destacam-se a aprendizagem e o desenvolvimento psíquico humano. Em matéria das relações entre aprendizagem e desenvolvimento psíquico, o psicólogo soviético faz alguns esclarecimentos, classificando as experiências de aprendizagens entre aquilo que já foi internalizado e aquilo que se pode conquistar com auxílio de mediação. Sobre as experiências de aprendizagem já conquistadas, Vigotski (1996) dá o nome de nível de desenvolvimento real, ao passo que ao conjunto de recursos psíquicos que ainda podem ser aprendidos, ele nomeou de nível de desenvolvimento potencial.

Já se comentou também que o paciente chega ao processo terapêutico histórico-cultural, tanto com aprendizagens saudáveis como com aprendizagens adoecidas, as quais devem ser levantadas e analisadas. Entretanto, a psicoterapia histórico-cultural não para por aí, antes ela avança na organização de mediações clínicas que permitam indivíduo sair de um nível de desenvolvimento real marcado por desregulação psíquica para um nível de desenvolvimento potencial cuja marca será a personalidade saudável. No caso de C., algumas experiências traumáticas, como o abuso sexual, estiveram na base de seu processo de desenvolvimento, impactando profundamente suas aprendizagens posteriores sobre autoconceito, família e relacionamentos amorosos.

Nesse cenário, a psicoterapia histórico-cultural atuou em suas zonas de desenvolvimento com atividades mediadoras que potencializassem a consciência sobre sua vida sexual. Por exemplo, no caso do uso da Dinâmica do Tempo com foco na vida sexual de C., esse manejo revelou outras experiências sexuais para além do abuso, como: atividade sexual pontual com uma garota no Ensino Médio; manutenção de atividade sexual com um primo por três anos; e envolvimento sexual com um garoto na escola. Nesse momento, o paciente relatou que aquela era a primeira vez que falava sobre sua vida sexual com profundidade e era a primeira vez que estava elaborando sobre o abuso e suas experiências homossexuais. Ou seja, esses conteúdos não faziam parte plenamente da sua consciência, não sendo integrados às suas funções psicológicas superiores. Além disso, outros instrumentos de intervenção foram utilizados para mobilizar a zona de desenvolvimento sexual do paciente.

Com o objetivo de perceber como as experiências de aprendizagem sexual afetaram a forma como seus conceitos se desenvolveram, propôs-se uma nova atividade mediadora: os Cartões-Conceito. Oliveira e Bandeira (2019) explicam que se trata de uma técnica cujo foco é analisar como a função psicológica, na formação de conceitos, desenvolveu-se ao longo da ontogênese do paciente. Nessa intervenção, o psicoterapeuta histórico-cultural oferta um conjunto de cartões com palavras inscritas, de modo que essas palavras pudessem triangular com algum problema clínico vivido pelo paciente. No caso de C., os cartões traziam as seguintes palavras: heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade, assexualidade, monogamia, poligamia – todas elas referentes à dinâmica de sexualidade de C.

O intuito é que o psicólogo clínico histórico-cultural explore os significados e os sentidos atribuídos pelo paciente a cada uma das palavras contidas nos cartões. Retornando à C., após o exercício da atividade, o paciente percebeu que, apesar de se sentir mais identificado com uma performance sexual ligada à heterossexualidade monogâmica, havia possibilidades futuras de construir relações fora desse padrão. A intervenção indicou que a organização de mediações clínico-terapêuticas pode auxiliar na reconstrução de identidades sexuais reificadas e influenciadas pelas determinações do cishetropatriarcado.

A Mudança na Configuração da Personalidade

Após a identificação das raízes genéticas do comportamento de C. e as intervenções nas suas zonas de desenvolvimento, os sintomas iniciais começaram a se dissolver. Os episódios de somatização passaram a acontecer em raras ocasiões, diferente do início do processo terapêutico, em que as crises aconteciam, pelo menos, uma vez por semana. Além disso, na sua relação com a sua família e com a universidade, ele passou a ter posicionamentos mais ativos, passando a se implicar nas decisões que o envolviam, o que indica mudanças significativas na dinâmica de sua personalidade e de sua atividade.

Retomando a discussão sobre personalidade, deve-se compreender sua construção como um processo contínuo e constituído, tanto pelas relações interpessoais de aprendizagem como por fatores socioculturais mais amplos. Apesar de a personalidade apresentar zonas mais rígidas de mudança, elas não são imutáveis, necessitando, para que haja transformação de configurações adoecidas em saudáveis, de mediações intencionalmente organizadas a fim de ampliar o repertório de atividade do paciente e seus processos de produção de sentido (Vigotski, 2024).

Quanto aos novos posicionamentos indicadores de mudança na configuração subjetiva de C., aponta-se como exemplo uma reunião marcada por ele com seus familiares em que expôs como se sentia na relação com eles e qual, de fato, deveria ser o seu papel na dinâmica familiar. Ademais, o paciente fez uma proposta de nova organização familiar, dividindo as atividades entre todos os irmãos. Evidencia-se, com isso, que, a partir da apropriação de novos signos e instrumentos, houve uma maior consciência da realidade e de seu papel na mudança dela, tornando-lhe mais capaz de transformar suas relações.

Nessa perspectiva clínica de trabalho, o paciente não deve ser pensado como um sujeito estratificado, mas sim como a síntese entre a biologia, os processos de aprendizagem e as determinações do social, além de que deve ser assumida a existência e a necessidade do funcionamento unificado entre a cognição e o afeto (Vigotski, 2004). No caso de C., é possível observar um estado de cisão da vida psíquica, de modo que os elementos cognitivos e afetivos se encontravam separados. Com relação a esse tema, Vigotski (2010) destaca o lugar de importância que ocupa a vivência para se pensar o desenvolvimento da personalidade humana. O autor também destaca que as vivências são basicamente compostas por funções afetivas, como emoções, imaginação e criatividade. Por isso, desempenham grande parte do processo de formação de sentidos que se dá durante o exercício da atividade – a qual, por sua vez, é a base para a construção da personalidade. Como pode ser observado nas intervenções descritas, a Psicologia Clínica Histórico-Cultural busca a integração entre a cognição e o afeto na dinâmica psicológica do indivíduo, a fim de que sua consciência, sua atividade e seus processos psicológicos superiores sejam fortalecidos.

O Processo de Alta

Na Clínica Histórico-Cultural, o esvaziamento de demandas está relacionado ao desenvolvimento da capacidade de se gerir com autonomia. Esse recurso psíquico está intimamente relacionado com o quanto a pessoa consegue se apropriar de elementos mediadores suficientes para conseguir desenvolver uma atividade articulada com o meio. Isso porque os elementos mediadores auxiliam o indivíduo a viver, a atribuir novos sentidos e significados, a mudar sua conduta e a avaliar a realidade etc. (Lima & Oliveira, 2023).

O processo de alta de C. ocorreu após um ano de psicoterapia histórico-cultural e foi organizado em três sessões, de forma participativa, convocando o paciente a reflexões, análises e avaliações. Assim, à medida que se percebeu que houve esvaziamento de demandas e maior capacidade de enfrentamento dos elementos estressores, sinalizou-se para C. a possibilidade de alta, com a qual o paciente concordou. Dessa forma, levantou-se, junto de C., quais elementos, nesse último momento da caminhada terapêutica, mereciam atenção para serem incorporados nos diálogos das sessões de alta.

O paciente destacou algumas questões que gostaria que fizessem parte das intervenções finais de seu processo psicoterápico, como angústia relacionadas ao futuro e preocupações sobre com quem poderia contar após o fim da psicoterapia. Para que essas necessidades fossem atendidas, foram utilizados alguns recursos clínicos histórico-culturais. Como recursos para o trabalho nas sessões de alta, foram utilizados, como a Complementação de Frases e o Cenário de Vida. Enquanto o Cenário de Vida foi mediado, com fim de perceber os novos elementos saudáveis na situação social de desenvolvimento do paciente e colocá-lo em contato sistemático com eles, a Complementação de Frases teve o propósito de explorar as principais angústias relacionadas ao futuro, em formato de frases incompletas. Por fim, destacou-se que, caso o paciente tornasse a ter problemas de ordem parecida ou completamente diferentes no futuro, poderia e deveria procurar novamente pelas mediações da psicoterapia histórico-cultural.

A Psicologia Clínica Histórico-Cultural é um processo dialético, ou seja, caracteriza-se pelo constante movimento de forças contraditórias que se expressam na intrincada relação do humano com a materialidade histórica. Assim, em termos histórico-culturais, a promoção de desenvolvimento, transformação e autonomia na Clínica Histórico-Cultural é marcada por processos psicossociais de nível estrutural e daqueles de nível interpessoal. Logo, superando uma visão tradicional de dialética, o enfoque histórico-cultural na clínica se sedimenta sobre a materialidade histórica.

Considerações Finais

A psicologia histórico-cultural de Lev Vigotski é um sistema complexo e completo em psicologia e possui aplicabilidade nas mais variadas áreas de atuação psicológica. Assim, é um erro ingênuo subsumir a psicologia vigotskiana a campos restritos do saber psicológico. Percebeu-se que o relato de experiência contribuiu para uma melhor elucidação da relação entre teoria e prática na Clínica histórico-cultural. Quanto ao caso clínico conduzido, notou-se que a queixa do paciente evoluiu no sentido de sair da somatização de mediadores estressores para a reestruturação de uma personalidade saudável, capaz de sintetizar novos processos de aprendizagem.

Na psicologia clínica histórico-cultural, o cenário terapêutico se estrutura como *espaço* dialógico de aprendizagens que integram cognição e afeto. Além disso, aponta-se para o fato de que a intervenção Clínica Histórico-Cultural se dá mediante um raciocínio clínico que parte da investigação da história e do desenvolvimento dos processos de adoecimento psíquico para a seleção das técnicas verbais e dos instrumentos que auxiliarão na ampliação das zonas de desenvolvimento despotencializadas do paciente. Aponta-se, ainda, a necessidade de maiores produções no campo clínico histórico-cultural, privilegiando a relação entre teoria e prática e a investigação sobre estratégias de intervenção específicas fundamentadas nos pressupostos teóricos e metodológicos da psicologia histórico-cultural. Por fim, destaca-se a importância dos estudos e das pesquisas desenvolvidas no Laboratório de Estudos da Subjetividade e Saúde Mental da Universidade Estadual do Ceará para o fortalecimento da psicologia clínica histórico-cultural no Brasil.

Referências

- Aita, E. B., & Facci, M. G. D. (2022). Psicoterapia e o processo de formação de consciência: Uma análise histórico-cultural. *Revista Subjetividades*, 22(2), 1-13. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v22i2.e12328>
- Casarin, S. T., & Porto, A. R. (2021). Relato de experiência e estudo de caso: Algumas considerações. *Journal of Nursing and Health*, 11(4), 1-3. <https://doi.org/10.15210/jonah.v11i4.21998>
- Clarindo, J. M. (2020). *Clínica histórico-cultural: Caracterizando um método de atuação em psicoterapia* [Tese de Doutorado, Universidade Federal do Ceará]. Repositório Institucional da UFC. <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/56643>

- Cruz, M. N. (2024). O encontro da psicologia histórico-cultural com Frantz Fanon: Conexões a partir da categoria de sociogenia [Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Repositório da PUC-SP. <https://repositorio.pucsp.br/jspui/bitstream/handle/41310/1/Margoth%20Nandes%20da%20Cruz.pdf>
- Fleer, M., Rey, F. G., & Veresov, N. (2017). *Perezhivanie, emotions and subjectivity: Advancing Vygotski's Legacy*. Springer.
- Kahhale, E. M. S. P., & Montreozol, J. R. (2019). Práxis clínica: A psicoterapia como movimento dialético ante a desigualdade homossexual. *Psicologia em Revista*, 25(2), 924-941. <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2019v25n2p924-941>
- Leontiev, A. N. (2021). *Atividade, consciência e personalidade*. Mireveja.
- Leontiev, A. N. (1978). *O desenvolvimento do psiquismo*. Centauro.
- Lima, A. I. B. (2019). Cartas para Vigotski: Ensaios em psicologia clínica histórico-cultural. EdUECE.
- Lima, A. I. B., & Oliveira Neto, J. S. (2023). *Práxis na clínica histórico-cultural: Por uma clínica da transformação e do desenvolvimento*. Expressão Gráfica.
- Lima, A. I. B., & Oliveira Neto, J. S. (2025). *A práxis na psicologia clínica histórico-cultural: Discutindo casos clínicos*. Expressão Gráfica.
- Lima, A. I. B., Anauate, C., & Oliveira Neto, J. S. (2021). Letters to Vygotsky: Thinking about the cultural-historical psychology in the contemporary clinic. *Lurian Journal*, (2)2, 63-71.
- Marangoni, S. de F. S. (2007). *A mediação da palavra e do brincar na psicoterapia com crianças*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade São Marcos.
- Martins, L. M., Abrantes, A. A., & Facci, M. G. D. (2016). *Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice*. Autores Associados.
- Mészáros, I. (2011). *Para além do capital: Rumo a uma teoria da transição*. Boitempo.
- Oliveira Neto, J. S. (2023). A configuração do percurso terapêutico na abordagem histórico-cultural: Uma proposta. In A. I. B. Lima, & J. S. Oliveira Neto (Eds.), *Práxis na clínica histórico-cultural: Por uma clínica da transformação e do desenvolvimento* (Cap. 3, pp. 55-94). Expressão Gráfica.
- Oliveira Neto, J. S., & Bandeira, S. R. (2019). Os instrumentos de mediação na clínica e o papel da arte. In A. I. B. Lima (Ed.), *Cartas para Vigotski: Ensaios em psicologia clínica histórico-cultural* (Cap. 1, pp. 115-136). EdUECE.
- Oliveira Neto, J. S., & Lima, A. I. B. (2024a). The psychosocial impacts of racism on the development of black Brazilian adolescents: Dialogues based on Vygotski's historical-cultural clinical psychology. *Revista de Gestão Social e Ambiental*, 18(11), 1-20. <https://rgsa.openaccesspublications.org/rgsa/article/view/9843>
- Oliveira Neto, J. S., & Lima, A. I. B. (2024b). Subjetividade e constituição do sujeito na clínica histórico-cultural de L. S. Vigotski. *Revista Acadêmica Online*, 10(54), 1-23. <https://doi.org/10.36238/2359-5787.2024.v10n54.423>
- Oliveira Neto, J. S., Moura Junior, J. F., Lima, A. I. B., & Eloi, J. F. (2022). A homofobia internalizada como um processo psicossocial: Contribuições a partir da psicologia histórico-cultural. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, 33, 1040-1040. <https://doi.org/10.35919/rbsh.v33.1040>
- Schucman, L. V. (2010). Racismo e antirracismo: A categoria raça em questão. *Revista Psicologia Política*, 10(19), 41-55. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2010000100005
- Silva, C. V. M. (2023). Psicoterapia breve infantil com enfoque histórico-cultural: Experiência de estágio em serviço escola de psicologia. *Humanidades & Inovação*, 10(2), 436-447. <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/8420>

- Silva, F. G. (2021). O adoecimento psíquico na psicologia histórico-cultural: A patopsicologia. *Interação em Psicologia*, 25(2), 223-242. <https://doi.org/10.5380/riep.v25i2.71721>
- Silva, F. G. (2009). Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: Concepções a partir da psicologia histórico-cultural. *Psicologia da Educação*, (28), 169-195. <https://revistas.pucsp.br/psicoeduca/article/view/43108>
- Silva, M. A. S. & Tuleski, S. C. (2015). Patopsicologia experimental: Abordagem histórico-cultural para o entendimento do sofrimento mental. *Estudos de Psicologia*, 20(4), 207-216. <https://doi.org/10.5935/1678-4669.20150022>
- Silva, T. F. (2019). *Configurações subjetivas de práticas policiais e estratégias de sobrevivência de jovens negros em uma cidade da Bahia* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia]. Repositório Institucional da UFBA. <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/31370/1/Disserta%3a7%3a3o%20p%3%b3s%20Banca%20PDF.pdf>
- Resolução n° 466, de 12 de dezembro de 2012. (2012, 12 de dezembro). Aprova as seguintes diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos; Revoga as (RES. 196/96); (RES. 303/00); (RES. 404/08). Conselho Nacional de Saúde. <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/atos-normativos/resolucoes/2012/resolucao-no-466.pdf/view>
- Resolução n° 510, de 07 de abril de 2016. (2016, 07 de abril). O Plenário do Conselho Nacional de Saúde em sua Quinquagésima Nona Reunião Extraordinária, realizada nos dias 06 e 07 de abril de 2016, no uso de suas competências regimentais e atribuições conferidas pela Lei n o 8.080, de 19 de setembro de 1990, pela Lei n o 8.142, de 28 de dezembro de 1990, pelo Decreto n o 5.839, de 11 de julho de 2006. Ministério da Saúde. https://bvsmis.saude.gov.br/bvsmis/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html
- Toassa, G. (2009). *Emoções e vivências em Vigotski: Investigação para uma perspectiva histórico-cultural* [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP. <https://doi.org/10.11606/T.47.2009.tde-19032009-100357>
- Tuleski, S. C. (2008). *Vygotski: A construção de uma psicologia marxista* (2a ed.). Eduem.
- Vigotski, L. S. (1994). *A formação social da mente*. Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (1996). *El desarrollo de los procesos psicológicos superiores*. Crítica.
- Vigotski, L. S. (1997). *Obras Escogidas. Tomo 5 – Fundamentos de Defectología* (pp. 275-338). Visor.
- Vigotski, L. S. (1999a). *A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca*. Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (1999b). *Obras escogidas. Tomo 3 – Problemas del desarrollo de la psique*. Visor.
- Vigotski, L. S. (2004). *Obras escogidas. Tomo 1 – Teoria e método em psicologia* (v. 3, pp. 203-417). Visor.
- Vigotski, L. S. (2006). Psicologia concreta do homem. Manuscrito de 1929. *Educação e Sociedade*, 21(71), 21-44. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302000000200002>
- Vigotski, L. S. (2008a). *O pensamento na esquizofrenia*. Tradução e produção independente. http://lchc.ucsd.edu/mca/Mail/xmcamail.2008_07.dir/att-0052/vigotski_esquizo.pdf
- Vigotski, L. S. (2008b). *Pensamento e linguagem*. Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (2010). Quarta aula: A questão do meio na pedagogia. *Psicologia USP*, 21(4), 681-701. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642010000400003>
- Vigotski, L. S. (2022). *Vygotsky's notebooks: A selection*. Springer.
- Vigotski, L. S. (2024). *Problemas da defectologia*. Expressão Popular.

Vigotski, L. S., & Luria, A. R. (1996). *Estudos sobre a história do comportamento: Simios, homem primitivo e criança*. Artes Médicas.

Zeigarnik, B. W. (1979). *Introducción a la patopsicología*. Científico Técnica.

Como citar:

Oliveira Neto, J. S., & Lima, A. I. B. (2025). Os Fundamentos Teórico-Práticos da Psicologia Clínica Histórico-Cultural de L. S. Vigotsky. *Revista Subjetividades*, 25(2), e13122. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v25i2.e13122>

Endereço para correspondência:

José da Silva Oliveira Neto
E-mail: netooliveirapsi@gmail.com

Ana Ignêz Belém Lima Nunes
E-mail: ana.belem@uece.br



Recebido em: 14/09/2021.

Aceito em: 13/05/2025.